Algo mais em Brasília

Na mesma semana dos conchavos, das conversas furtivas e das trocas de favores pela reeleição, os parlamentares em Brasília nem perceberam o que se passava a poucos metros do grande balcão dos negócios políticos. Professores de primeiro grau, das mais diferentes regiões, discutiam num apertado auditório do Hotel Nacional as revolucionárias experiências que a informática está provocando nas escolas. Mas não estavam ali para receber o primeiro computador em troca, por exemplo, de um voto. Havia sinceridade naqueles relatos e na expectativa do impacto que causará a distribuição este ano, pelo Ministério da Educação, de mais de 100 mil computadores às escolas públicas.

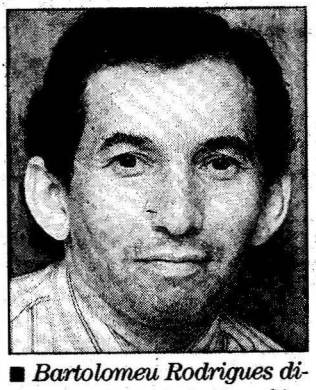
Nenhum político na platéia. Finalmente, havia algo mais em Brasília além de reeleição.

A professora Stella Guimarães, de Belém do Pará, tinha uma história interessante a contar, mas trazia também uma preocupação. A história: A partir de 1995, no bairro de Outeiro, a 35 quilômetros do centro da capital, começou a ser colocada em prática uma experiência ousada, dentro dos padrões educacionais brasileiros, combinando o ensino do primeiro grau com ecologia e informática. Chama-se Escola Bosque. O que isso quer dizer? Ecologistas-mirins consultando o último CD-ROM da Enciclopédia Britânica em plena selva amazônica?

Não. Imagine crianças de 4 a 14 anos criando, eles próprios, programas interativos sobre ervas medicinais, catalogando andirobas, angelins, urucus, pequiás, macacaúbas, guaranás e copaíbas... A flora é imensa, como também a liberdade para criar, e não foi difícil colocar a floresta tropical num software de linguagem fácil, o L.O.G.O., desenvolvido pelo Massachussets Institute of Tecnology, dos Estados Unidos.

Agora pense no quanto é importante compreender um ecossistema tão delicado como o da Amazônia, no qual o homem, por sua natureza predadora, será sempre uma ameaça ao equilíbrio. Dois terços da cidade de Belém são formados por ilhas; só um terço está no continente. A Escola Bosque, por exemplo, fica na Ilha de Caratateua, e poucos residentes da capital sabem disto.

O recurso às tecnologias modernas, nesse caso, não é uma simples comodidade. Numa concepção mais acadêmica, pode ser o início de ruptura com um modelo de educação que chega ao final do século dando sinais de esgotamento. Nossos currículos estão impregnados de conceitos do início da era industrial, quando o fundamental era preparar mão-de-obra para as fábricas e o comércio emergentes. À exceção da palmatória, já extinta, a herança dessa época continua viva nos trabalhos de casa, nas notas, nas classificações e no apelo à memória. Daí vem a repetência, o desestímulo e as crianças de rua. A sociedade cobra essa ruptura.



■ *Bartolomeu Rodrigues dirige a sucursal de Brasília*

Professores discutiam revolucionárias experiências com informática e havia sinceridade

A educação a serviço da cidadania é o desafio de hoje, principalmente num Brasil de contradições que nos leva às formas de sociedade mais atrasadas e mais evoluídas a um só tempo. A conclusão daquele encontro de educadores, longe dos gabinetes e das picuinhas políticas, é que não basta ler, escrever e contar.

Um novo modelo pressupõe a escola como espaço para construção do conhecimento e das idéias. Eles falavam de crianças que tinham, pela primeira vez, contato com uma tecnologia cujo domínio, no presente, significa a sua independência e a do próprio País no futuro. Fechar as portas a esse conhecimento é apostar na decadência.

E quanto à preocupação da professora Stella, mencionada acima? A Escola Bosque é uma experiência municipal, concebida e executada por uma administração do PFL. O período escolar começará este ano com uma Belém governada pelo PT. Não é possível imaginar que todo esse trabalho tenha sido perda de tempo e que numa só canetada o novo prefeito esfumace o sonho de tanta gente envolvida no projeto. Como em educação os resultados às vezes demoram uma década, a política é sempre uma preocupação. Desta vez, muita apropriada — no seu tempo e lugar.